

Desastre na política externa

» SACHA CALMON
Advogado



Não satisfeito com a derrota festejada pelo mundo de Trump — que anda sem consolo —, pois a maioria da população (6 milhões de eleitores a mais) e mais 78 delegados no colégio eleitoral, o recusaram, o presidente do Brasil vem de cutucar com “pólvora” possíveis sanções unilaterais de Biden contra a política frouxa de nosso governo na Amazônia, cerrado e pantanal, ressalvados os esforços do vice-presidente, um homem decente e equilibrado.

De quebra, nos cobra virilidade: “O Brasil precisa deixar de ser um país de maricas”. De minha parte, “marica” é Vossa Excelência que usa o cargo como quando manipulava grupos de motociclistas valentões, como se fosse ainda parte da “juventude transviada” — “valentias” que deveriam estar voltadas a combater a coronavírus, a pobreza, o desemprego de 14% da População Economicamente Ativa (PEA), a queda bruta do PIB (6%), a vacinação integral de nossa população. Nada disso sua valentia enfrentou a contento.

Ao que tudo indica, porém, por maiores que sejam as acomodações, daí as declarações aqui e acolá, Vossa Excelência agora mexeu com “pólvora”. Mas desta vez não com pólvora metafórica contra os americanos de Biden na Amazônia (maluquice), mas a verdadeira, a que é usada pelas Forças Armadas do Brasil, notadamente pelo Exército Nacional. O comandante Pujol deixou bem claro a Vossa Excelência e não adiantam quaisquer desculpas e interpretações, que o Exército bem como as Forças Armadas são instituições do Estado e não instituições do governo, no caso, de Vossa Excelência. Não cometerão tolices. De resto, em nome de defender o Estado e a democracia, derrubaram de seus cargos vários presidentes da República, haja vista em 1964.

Mas desta vez, ficou bem claro que Pujol avisou que os militares são independentes em relação de Vossa Excelência e as suas políticas e que estão exercendo diversas missões coordenadas pelo vice-Presidente da República, não se prestarão a aventuras.

Vossa Excelência nos faz lembrar um general franquista em face do reitor da Universidade de Salamanca, em Espanha, a lhe gritar o destemor militar em relação a morte: “Vila la muerte” disse o general a Una-

mano, um dos grandes humanistas do século 20. Ele redargui-o: En la universidad, nosotros brindamos a la vida.... É por isso que somos “maricas”. Temos medo da covid porque Vossa Excelência é inepto e já morreu gente que não acaba mais... É famosa a frase de que a guerra é a continuação da política pelas armas. De fato, é assim. Mas os brasileiros por força da Constituição só usam armas em casos de agressões armadas externas e em mais nenhuma hipótese, reza a Carta Magna. Biden jamais nos invadirá.

Deus acima de tudo e a Constituição acima de todos! De resto, o presidente Biden em momento algum ameaçou invadir a Amazônia, mas pode aplicar sanções ao governo brasileiro, se for o caso. E Vossa Excelência não poderá fazer nada, por inanição militar e política. Vai ter, sim, que cuidar da Amazônia e já se forma um comitê internacional. É importante tanto quanto a posse de armas nucleares e o terrorismo islâmico. É trabalhar a sério ou dar-se-á mal.

E nada de “patriotados” de tenente, como a que o expeliu do Exército Nacional por fazer greve por melhores soldos. Saiu com o cargo de capitão, como é de praxe.

Ao Brasil, cabe defender-se e manter os tradicionais laços de amizade com os Estados Unidos (EUA), seja o presidente de lá, democrata ou republicano. E deve aprofundar laços com a América Latina, sejam seus governos mais ou menos liberais. Somos impelidos a aumentar os laços econômicos e comerciais com a China em favor da economia do país, sem ideologias direitistas, caso

contrário somente nos daremos mal, como a Hungria de Orban e a Polônia de Duda (que estão isolados). Deu para entender Araújo ou é preciso soletrar? (Hoje diplomacia e economia são inseparáveis). O maior parceiro comercial da China são os EUA. Como somos idiotas, os do governo Bolsonaro, a ignorar a China e seus investimentos. Os EUA não! Só não querem o 5G chinês...!

Fora disso é governar mal e infantilmente com tiradas e barretadas ideológicas idiotas. Somente energúmenos governam com ideologia e sem pragmatismo. Vossa Excelência deve estar ciente que deve abrir oportunidades com os nossos quatro primeiros parceiros comerciais, pela ordem: China, EUA, Argentina e CEE. Agora, dê-se conta que se indispôs com os quatro, com grosserias! Vossa Excelência gostava mesmo era de abonar o Trump, o grosseirão, que tanto desmereceu os EUA, como jamais se viu. Que diferença dos Kennedy, de Rossevelt, de Obama e até mesmo dos Bush. Pior, tomou-nos respiradores enviados da China na marra sem que o Brasil protestasse.

Vai continuar nesse caminho insano, cada vez mais isolado? Não vai sequer projetar o Brasil na América Latina e na África? É o que nos resta, salvo uma atitude mais cooperativa com a Ásia onde o progresso ocorre, justamente a parte do mundo que mais cresce? Mas, convenhamos, o que esperar de um político que passou 27 anos no parlamento sem ser notado, oriundo da zona oeste do Rio de Janeiro, sem formação humanista?

Todos são iguais perante as redes sociais?

» JAIME PINSKY

Historiador e editor, professor titular da Unicamp, autor de *Por que gostamos de História*, entre outros livros

A facilidade de enviar mensagens e dar palpites sobre todos os assuntos, graças às redes sociais à disposição de (quase) todos, provocou mudanças no comportamento de pessoas no mundo inteiro, particularmente no povo brasileiro, amante de conversas, sequioso por notícias. Se o Brasil nunca chegou a ser, propriamente, um país de leitores, pelo menos se tornou um país de escritores... Ou, pelo menos, de gente que escreve. Brasileiros continuam apresentando índice de leitura muito baixo. Mas como escrevemos!

A questão é o que e como se escreve. Afinal, o que se faz quando se quer dar uma notícia, contar algo novo, mas não se tem nada na mão? O que se faz quando se discute em nosso grupo a respeito de um assunto sobre o qual a gente não entende nada? Muito simples: a gente inventa notícias. A gente finge que sabe do que se está falando. Muita gente tem confundido o direito à livre manifestação com ter competência para isso. O resultado tem sido uma enxurrada de bobagens emitidas sem o menor cuidado.

Antigamente se aconselhava a pensar antes de falar. Hoje se escreve e depois se pensa. Ou não se pensa, uma vez que o escrito já circulou e ficamos reféns de afirmações impensadas, de arroubos autoritários, de compromissos com texto produzidos em anexos de gabinetes palacianos. Em bom português, muitos perderam o medo de dizer bobagens em público e o fazem de forma despuddada. Há mesmo aqueles que acham que usar o mesmo veículo utilizado por especialistas, ou

por pessoas de bom discernimento, garante a todos a mesma credibilidade. Não garante.

Bobagem é e continuará sendo bobagem em qualquer lugar, seja sussurrada timidamente entre quatro paredes, seja emitida com o selo de um ministério que já teve credibilidade, em tempos melhores... Digase de passagem, bobagens não têm preconceito: podem ser emitidas por aquele cunhado fanfarrão, pela tia recatada e carola, pelo senhor engravatado e sisudo, ou pela garota de óculos, com cara de intelectual.

Ninguém está livre de publicar idiotices, basta reproduzir, sem checar a fonte, uma notícia falsa; divulgar narrativas grotescas sobre a origem de epidemias; desenvolver teorias grosseiramente anticientíficas; decretar unilateralmente o fim de uma pandemia que continua derrubando milhares de pessoas a cada dia; postar um texto idiota e atribuir a Clarice Lispector (bem ela, coitada, tão cuidadosa), ou Fernando Pessoa...

É triste constatar, mas besteiras podem vir de familiares próximos. Na verdade, elas não respeitam idade (jovens e velhos podem ser igualmente ridículos), título acadêmico (é triste, mas é realidade constatada), ou a patente militar (da ativa e na reserva, particularmente quando se metem a gerir áreas que desconhecem). Qual o leitor que já não sofreu constrangimento por acreditar em informações que “pareciam” verdadeiras, ou em se referir a experiências que nunca foram realizadas?

Claro que o problema não é das redes sociais, mas do uso que se faz delas. Se as pessoas lessem um pouco mais (imprensa

de qualidade e livros, principalmente) muita bobagem deixaria de circular e a idiotia poderia voltar à sua modéstia habitual, de onde nunca deveria ter saído. Afinal, como já diziam os antigos, o ignorante calado pode até passar por sábio...

Meu leitor apressado, que não gosta de argumentos e sim de opiniões definitivas perguntaria agora: afinal, não é democrático que as pessoas se manifestem sobre o que quiserem, do jeito que quiserem? A resposta demagógica seria um sim genérico. Mas é claro que não se pode misturar o direito da escolha com a competência para fazê-lo. Eu não posso, nem devo palpar sobre assuntos que não conheço. Seria, no mínimo, inócuo.

A sociedade moderna é complexa, especializada, as pessoas só dão conta de sua área e não é vergonhoso (pelo contrário, é aconselhável) ouvir quem conhece a respeito de assuntos que não conhecemos. Dependendo do cargo que ocupamos, nossos palpites podem ter efeitos altamente negativos sobre a saúde da população.

Comprar um produto ineficaz (a cloroquina, por exemplo) é gastar, de modo irresponsável, o dinheiro público e induzir a população a utilizar remédio que pode até fazer mal. Redes sociais viralizam a irresponsabilidade. Irresponsabilidade em funções executivas é inaceitável. Não se trata mais apenas de uma tia Cotinha qualquer transcrevendo bobagens na rede, mas de pessoas que, por conta do cargo que ocupam, deveriam sentir-se responsáveis pelos poucos que ainda acreditam neles.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.df@dabr.com.br

Sonhar no escuro

Com o apagão no Amapá completando 30 dias, a escuridão e todos os males que dela decorrem provocaram na população daquela capital, de quase 860 mil habitantes, um misto de desconfiança e de repúdio com o gerenciamento privado nas operações de transmissão de energia elétrica.

Trata-se aqui e todos sabem disso, de um bem de utilidade pública, essencial para um mínimo de civilidade e cidadania em qualquer localidade, ainda mais numa capital desse porte. Atualmente, esses serviços vêm sendo realizados pela empresa Gemini Energy que há pouco adquiriu a concessão de outra empresa espanhola privada, a Isolux, que passa atualmente por um sério processo de recuperação judicial.

A população do Amapá, que pouco era informada desses contratos, fechados em gabinetes políticos, mesmo pagando religiosamente altas tarifas em suas contas mensais, por um serviço, que muitos consideram de baixíssima qualidade, aguentou o quanto pode sem reclamar. Não fosse o incêndio na subestação, atingindo um dos principais transformadores de energia da capital, a vida naquele distante estado seguiria em frente, com as eventuais reclamações sobre a prestação de luz elétrica, amontoadas no fundo da gaveta, blindadas por interesses, sempre escusos a unir políticos locais astutos e empresários gananciosos.

Essa é a realidade dos fatos. A demora e o descaso com uma situação tão grave, a paralisar a vida de centenas de milhares de pessoas, pouco comoveram as autoridades locais. Muito menos o governo federal, que por aquelas bandas fez uma aterrissagem breve, depois de mais de uma semana de apagão, sendo, na ocasião fortemente vaiado pelos moradores onde desfilou.

Como se trata de um serviço prestado por operadora privada, as autoridades chegaram a desdenhar do problema, preferindo fazer cara de paisagem para a questão. Foi somente com o agravamento da situação nos hospitais e na economia local e graças a repercussão nacional do caso, a ganhar manchetes dentro e fora do país, que as autoridades ensaiaram um movimento visando resolver o caso.

Nesse tempo, em meio ao breu da noite, tem refletido muito sobre a conveniência de entregar tão importante prestação de serviço a uma empresa privada, controlada por uma holding estrangeira de um país distante, que ninguém sabe, ao certo, quem são os donos, nem mesmo quem nela trabalha.

Esses comentários vêm a propósito da privatização efetivada da Companhia Energética de Brasília (CEB), na esperança de que esse importante patrimônio do cidadão brasileiro, entregue à gestão da iniciativa privada, não resulte na repetição desse lamentável caso que ainda ocorre no Amapá.

Para a maioria da população, que também não foi consultada sobre essa venda e que muito teme pelo futuro, fica aqui o triste exemplo vindo do Norte do País e a torcida, para que a prestação dos serviços melhorem e as tarifas sejam reduzidas, o que em nosso país, é apenas um sonho distante. Ao menos fica o consolo de que o melhor ambiente para dormir e sonhar é na escuridão.

» A frase que foi pronunciada:

“Eu não vejo a política como ambição, enxergo como missão. Se eu pedir a legenda e não me derem, considero como livramento.”

Janaína Paschoal, advogada

Reclame aqui

» É bastante arriscado para o Banco do Brasil relaxar na forma de atendimento aos clientes da maneira como está ocorrendo. Com os bancos digitais em alta, a arrogância pode levar o BB para a cova. Depois de uma hora aguardando na fila da agência da Câmara dos Deputados o cliente, que pleiteava financiamento imobiliário foi descartado com argumentos que fogem a todos os protocolos.

Encomende

» Stonia é uma empresa típica que está passando por dificuldades financeiras durante a pandemia. Vende também por entrega sorvetes maravilhosos. Uma boa pedida para sair da mesmice dentro de casa. A Stonia Ice Creamland fica 405 Sul, 109 Norte e Pátio Brasil.

Aproveite

» Hoje é o último dia de feira no Parque da Cidade. Das 9h às 16h direto dos produtores, os consumidores podem comprar biscoitos, hortaliças, geleias, pães, flores, sorvetes, pimentas, artesanato, tudo produzido no DF.

Celeuma

» Engana-se quem pensa que as eleições norte-americanas acabaram. Trump quer que o Congresso decida sobre o sufrágio. Trump é o que o filósofo de Mondubim chamava de Mucuí. Hoje é dia de fortes emoções sobre o assunto.

Sem pensar

» Conhecida frase esconde muito mais do que um crime “Sou dona do meu corpo”. O mote criado e repetido por mulheres assassinas esconde um submundo de tráfico de órgãos fetais que movimentam bilhões de dólares. Isso, ninguém fala.

» História de Brasília

Uma solução parcial para o problema das invasões em Brasília seria a instituição, novamente, de acampamentos nas obras, hoje proibidos pela Novacap. (Publicado em 20/01/1962)